

MEDICINA NO ANTIGO EGITO

Elaine Alves
Paulo Tubino

Egito antigo (ou antigo Egito) é a civilização da Antiguidade que se desenvolveu no nordeste do continente africano, nas margens do rio Nilo, entre 3.200 a.C (quando houve a unificação do norte e sul) e 32 a.C (início do domínio romano). Artefatos de pedra indicam que partes do Egito eram habitadas pelos humanos no Período Paleolítico (pelo menos desde 200.000 anos atrás) e pode-se presumir que eram caçadores, pescadores e coletores. A partir de 6.000 a.C., surgiram culturas neolíticas em várias áreas do Egito, particularmente na região de Fayum (cerca de 100 km a sudoeste do Cairo).

Os antigos egípcios eram um povo prático e destacaram-se sobretudo na arquitetura, mas também na matemática, astronomia, medicina e engenharia. A medicina egípcia, como na Antiguidade em geral, era mais magia do que ciência e sempre se acompanhava de rituais mágicos e invocações aos deuses. A base desse sistema que unia magia, religião e medicina eram os deuses e deusas da cura. Médicos e mágicos invocavam os vários deuses para eliminarem os espíritos malignos que causavam a doença em seu paciente. Os deuses tinham que ser honrados ou a saúde de uma pessoa estaria em perigo e somente a súplica do paciente poderia levar à recuperação. Eram adoradas centenas de divindades, cada uma governando aspectos diferentes de vida espiritual dos antigos egípcios. Os cultos aos vários deuses predominaram através dos tempos conforme a importância das cidades que os veneravam. Os deuses criadores eram **Amon** (adorado em Tebas, atual Luxor) e **Rá**, o deus-sol (venerado em Heliópolis). Tot, Osíris, Ísis, Set, Néftis, Sekhmet, Taurt e Heket eram alguns dos descendentes de Rá. Os reis também eram considerados filhos de Rá e, portanto, eram ao mesmo tempo chefes de estado e chefes espirituais.

Entre os principais deuses ligados à saúde destacavam-se: **Tot**, deus da sabedoria, dos escribas, símbolo da lua, deus tutelar dos médicos e médico dos deuses, frequentemente considerado o coração e a língua do deus-sol Rá; **Ísis**, uma espécie de mãe-terra primitiva, adorada como uma deusa de cura e cujo culto persistiu por muitos séculos; **Sekhmet**, deusa com cabeça de leoa encarregada inicialmente de destruir os homens e depois deusa da misericórdia e da saúde (os sacerdotes de Sekhmet foram considerados os primeiros médicos); **Taurt**, deusa da fertilidade e protetora das mulheres grávidas; **Heget** e **Neith**, que ajudavam no trabalho de parto, e **Hórus**. Segundo a lenda, Hórus (filho de Ísis e Osíris) perdeu o olho esquerdo em uma luta contra o deus Set (seu tio), que assassinara Osíris. Graças a Tot, o olho foi substituído por um amuleto (*udjat* ou *wedjat*, que significa “o que está completo”), um olho com qualidades mágicas. Hórus se recuperou e finalmente venceu Set depois de novos combates. O **olho de Hórus** era muito popular no antigo Egito e considerado o mais poderoso dos amuleto protetores.

Os “amuletos da saúde” eram usados tanto para manter uma boa saúde como para restaurá-la. Um encantamento encontrado no **Papiro Leiden I 348** oferece proteção da cabeça aos pés. Cada parte do corpo é atribuída a uma divindade que será sua protetora; o olho esquerdo é identificado com o olho lunar de Hórus que simboliza saúde, prosperidade, indestrutibilidade do corpo e capacidade de renascer, além de neutralizar os efeitos do “mau olhado” e livrar os mortos do mal. As proporções matemáticas do olho de Hórus também eram usadas para determinar as proporções dos ingredientes na preparação dos medicamentos. As prescrições dos antigos médicos egípcios se iniciavam com versos mágicos e o olho de Hórus era parte importante nessa invocação aos deuses. Com o passar do tempo restou apenas o símbolo  nas prescrições (figura 1), que é usado até hoje por muitos médicos.

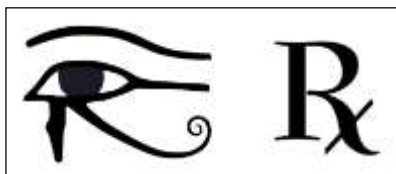


Figura 1 – O olho de Hórus e o símbolo da prescrição médica.

UMA MEDICINA ORGANIZADA

Para extrair os maus espíritos e reparar os danos por eles produzidos, os médicos egípcios recorriam à magia, aos amuletos e rituais. Os templos eram os centros de cura espiritual. Os sonhos que ocorriam quando se dormia nos templos eram considerados da maior significância e poderia ser necessário passar uma ou mais noites no templo. Durante o sono um homem poderia se conectar com os deuses e perguntar-lhes sobre o seu futuro ou sobre as maldições colocadas sobre ele. Com tal objetivo dava-se ao paciente uma bebida que continha um opiáceo ou mandrágora. Contudo, mesmo intimamente ligada à magia e à religião, era uma medicina organizada, dividida em especialidades. Os tratamentos eram específicos para as diferentes doenças, sendo numerosos os cuidados reservados às mulheres. Na época do Império Antigo (c. 2660-2180 a.C.) o faraó já tinha um corpo de médicos em seu palácio, inclusive especialistas em doenças determinadas.

Segundo o papiro de Ebers, havia três tipos de curadores no antigo Egito: os sacerdotes de Sekhmet, mediadores entre o paciente e a deusa, que administravam drogas em suas cerimônias rituais; os médicos laicos saídos das escolas, chamados *swnw* (pronuncia-se “sunu”); os magos (mágicos ou exorcistas) propriamente ditos, especialistas em práticas sobrenaturais ou dotados de virtudes para torná-las eficazes. Em muitos casos a profissão médica era hereditária e exigia uma aprendizagem que, em seus níveis superiores, devia ter caráter exotérico (“somente para os iniciados”). Possivelmente era ministrada na “Casa da Vida”, instituição do Estado, próxima dos grandes templos, encarregada primordialmente da proteção mágica do faraó.

Havia uma considerável especialização; Heródoto (historiador grego, c. 485-420 a.C.) relatou que no Egito havia médicos para uma só doença. O primeiro médico conhecido, que se chamava **Hesy-Ra** (Hesyre, Hesire ou Hesira) e viveu por volta de 2800 a.C. (na mesma época que o lendário Imhotep), foi associado com o tratamento dos dentes. Aparentemente, não havia separação entre a medicina e a cirurgia (embora haja versões de que houvesse essa distinção e que os cirurgiões seriam os sacerdotes da deusa Sekhmet). O corpo médico era assistido por um grande número de ajudantes ou *wt*. Os dentistas usavam o título *ibeh*, embora alguns também usassem o título *swnw*. Muitos *swnw* eram sacerdotes, principalmente da deusa Sekhmet, enquanto que outros usavam títulos que indicavam seu status como mágicos profissionais. A palavra *saw* foi citada pela primeira vez no papiro de Ebers e pode ser traduzida, simplesmente, como “mágico”. As mulheres também exerciam a medicina, com destaque para **Peseshet**, que viveu durante IV Dinastia, e tinha o título de “supervisora das mulheres médicas”.

Os aspectos racionais da prática médica estavam a cargo basicamente do *swnw*, embora sua atividade não excluísse o uso de orações, encantamentos e exorcismos. Os médicos faziam uma consulta clínica minuciosa de cada paciente. Inicialmente colhiam a história com um interrogatório sobre suas queixas; em seguida avaliavam a aparência geral, a postura do paciente e o estado de nutrição do corpo, bem como faziam um exame detalhado da face, sua cor e secreções. Também eram observados o cheiro do corpo, a urina, a matéria fecal e demais secreções e a palpitação do pulso. Faziam a palpação das feridas, fraturas, deslocamentos, abscessos e tumores.

Havia mais de 700 substâncias medicamentosas à base de minerais, vegetais e animais que eram usadas quase sempre associadas e em grande número, administradas por aplicações tópicas, fumigação e vias oral, retal e vaginal. Havia uma farmacopeia com base em dejetos de animais (crocodilos, asnos, hipopótamos, pelicanos, moscas), cujo valor era maior quanto mais raro o animal; o espírito do mal que estava ocupando o corpo do dente teria repulsa aos maus odores e iria embora.

Aparentemente eram tomadas medidas de higiene para diminuir os riscos de doenças e epidemias após as enchentes do rio Nilo. A putrefação era associada com morte e doença. Como acreditavam que ocorria deterioração nos intestinos, onde a comida se transformava em excremento, consideravam que a digestão era potencialmente um processo causador de doenças. Essa crença deu origem a medidas que seriam preventivas, particularmente o uso de enemas ou purgantes. O enema praticamente curava tudo e

uma grande percentagem de todas as prescrições era de purgantes. O termo para proctologista no Egito Antigo era **neru phuyt**, que literalmente significa “pastor do ânus”. Era dever do “pastor do ânus” administrar enemas e assegurar que o indivíduo não tinha mais decomposição dentro de seu corpo.

As operações cirúrgicas eram limitadas: drenagem de abscessos, redução das fraturas e luxações, cura de feridas e pequenas intervenções, como circuncisões. O papiro de Ebers descreve a cauterização e cita a remoção de um “tumor de gordura”. Aparentemente a trepanação craniana não era muito difundida, embora os egípcios tenham inventado a trefina circular.

PAPIROS MÉDICOS

O conhecimento da medicina egípcia nos chega principalmente por meio dos chamados papiros médicos. São conhecidos 14 rolos de papiros médicos, em diferentes estados de conservação, a maior parte correspondendo ao Império Médio (c. 2040-1780 a.C.), mas com referências ao Império Antigo (c. 2660-2180 a.C.). Graças a eles é possível saber na medicina egípcia já eram observados os escarros, a urina, as fezes e o pulso. O **papiro Kahun** (cerca de 1850 a.C.), chamado “papiro ginecológico”, é o mais antigo. Nele há citações sobre sintomas de doenças ginecológicas, assim como teste para gravidez. Há métodos de contracepção local: era introduzida uma mistura à base de fibras vegetais e de espinhos de acácia moídos na vagina; hoje se sabe que esses espinhos são ricos em ácido láctico, que é tóxico para os espermatozoides. Os papiros mais importantes foram encontrados pelos egiptólogos Georg Moritz **Ebers** (1837-1898) e Edwin **Smith** (1822-1906). O conhecido como **papiro Smith** descreve tratamentos cirúrgicos, enquanto que o **papiro Ebers** delineia tratamentos mágicos, mecânicos e farmacológicos. O papiro descoberto por Ebers em Luxor, em 1873, foi escrito em torno de 1550 a.C. É um dos maiores que se conhece (mais de 20 metros de comprimento) e contém tratamentos para doenças internas, doenças das mulheres, dos olhos, da pele, do coração e dos vasos; há 20 receitas para facilitar o parto. O **papiro Smith** foi escrito entre 1700 e 1600 a.C., mas acredita-se que tenha se baseado em receitas mais antigas, do Império Antigo. Enquanto que outros papiros são textos médicos baseados em magia, o de Smith apresenta uma abordagem racional e se fundamenta na observação, coleta e classificação dos fatos. É o primeiro tratado de cirurgia conhecido e expõe a incipiente semiologia cirúrgica, elabora a primeira nomenclatura anatômica, destaca a importância do sistema nervoso central e do cérebro como órgão responsável pelas funções corporais, estuda a função cardiovascular por meio da palpação do pulso; estuda os traumatismos e suas consequências (há instruções para o tratamento de feridas, fraturas e luxações); estuda úlceras, tumores e abscessos; preconiza pela primeira vez o uso da sutura cirúrgica e da cauterização, assim como o uso do salicilato (pela decocção do salgueiro) como analgésico e anti-inflamatório.

Assim sabe-se que para tratar fraturas os egípcios usavam talas e bandagens e que o método que usavam para reduzir uma luxação temporomandibular não era muito diferente do atual; que sabiam que as lesões do lado esquerdo ou direito da cabeça eram associadas à paralisia no lado oposto do corpo, aplicavam bolor de pão sobre feridas abertas para prevenir infecções e usavam carne fresca para evitar hemorragia. Nos papiros há descrições de doenças como a anemia resultante de parasitoses intestinais e da malária. Contra as tênia empregavam casca de raiz de romãzeira.

IMHOTEP

Durante a III Dinastia (Império Antigo, c. 2660-2180 a.C. – dinastias 3 a 6) viveu **Imhotep** (“o que vem em paz”), famoso arquiteto, construtor da pirâmide escalonada de Djoser em Saqqara e médico. Embora não se saiba se tinha o título de *swnw*, Imhotep foi o médico mais importante na história egípcia. Consta que salvou as vidas do infante príncipe Djoser e de sua mãe. Anos mais tarde foi recompensado pelo então Faraó Djoser que o designou como seu vizir, arquiteto chefe, sacerdote e astrólogo. Por causa de seus muitos talentos o povo presumiu que apenas alguém que tivesse ligações estreitas com os deuses poderia ter tão grande conhecimento. Imhotep foi deificado na Época Baixa (c. 664-332 a.C.), sendo um

dos raros mortais não faraó que se tornou um deus. Os gregos o relacionaram a Asclépio, o deus grego da medicina.

MÚMIAS

Para os antigos egípcios, o sucesso na vida futura dependia da preservação do corpo de modo que a alma tivesse um lugar adequado para morar. No Egito pré-dinástico (antes de 3100 a.C.), os corpos eram envolvidos em peles de animais ou linho e enterrados no deserto, onde a secura os conservava. Posteriormente, embora os sepultamentos na areia continuassem sendo o padrão para os camponeses, começou-se a usar túmulos para maior proteção e em consequência foi perdido o efeito de dessecação da areia. Portanto, foram necessários novos métodos para a preservação adequada dos corpos. O processo foi descrito por Heródoto (os egípcios não deixaram sua técnica escrita) e confirmado em sua essência pela ciência moderna. Basicamente, a mumificação se compunha das seguintes etapas: remover as vísceras, secar completamente o cadáver e envolver o corpo dessecado. Havia três métodos de mumificação, que variavam em perfeição e preço. A técnica mais nobre pretendia reproduzir o embalsamento de Osíris e começava com a extração do cérebro pelas narinas, com a ajuda de um gancho de ferro. Com uma faca de pedra fazia-se um corte no flanco esquerdo, por onde eram retirados os intestinos e a cavidade abdominal era lavada com vinho de palma e substâncias aromáticas; o abdome era preenchido com uma mistura de especiarias (mirra, canela). O coração, considerado “a sede da mente”, era deixado dentro do corpo. O cadáver eviscerado era mantido em natrão durante 70 dias. Após esse período, o corpo era lavado, envolvido em faixas de linho untadas com resinas e colocado em um esquife de madeira com a forma de uma pessoa. Durante todo o processo eram recitadas fórmulas mágicas e colocados amuletos entre as faixas, como o olho de Hórus. Os órgãos considerados essenciais para a vida após a morte (fígado, pulmões, estômago e intestinos) eram removidos e armazenados em vasos funerários de pedra (canopos) na tumba do cadáver.

Aparentemente os embalsamamentos não serviram para melhorar o conhecimento de anatomia e fisiologia. Não eram executados por médicos e tinham finalidade essencialmente religiosa. Mas foram os egípcios os primeiros a dar nomes precisos a algumas partes do corpo e a atribuir função a certos órgãos. Eles viam a composição anatômica e funcional do corpo como um sistema de canais ou vasos (*metu*, plural de *met*), similar ao da rede de canais de irrigação que se estendia desde o rio Nilo. Esses vasos partiam do coração e tinham no ânus um centro de confluência secundário; havia 22 *metu*, que continham sangue, água, ar, muco, urina, fezes, lágrimas e sêmen. *Met* era uma designação geral que se aplicava a todos os condutos do corpo (artérias, nervos, ductos) e também a estruturas planas e achatadas como tendões e ligamentos. A confusão entre vasos, nervos e tendões permaneceria por muito tempo e iria influenciar as teorias sobre o funcionamento dessas estruturas. A pulsação do coração era conhecida e a propagação de suas batidas em todo o corpo era percebida. Consta no papiro de Smith: “Sua pulsação está em todos os vasos de cada membro”. Os egípcios conheciam a importância vital da respiração, mas não sabiam claramente o que acontecia com o ar inspirado. Embora soubessem que do coração saía um grande número de vasos que se distribuíam por todo o corpo, nada sabiam de seu funcionamento. Relacionavam o pulso periférico com a batida do coração, que acreditavam depender da respiração e achavam que as artérias continham ar.

Os exames das múmias com técnicas modernas possibilitaram a identificação de vários problemas de saúde que acometiam os antigos egípcios. Podem ser citados: tuberculose, malária, poliomielite, lepra, várias formas de anemia, doenças parasitárias (esquistossomose, dracunculíase, filariose, estrogiloidíase, infestações por *Ascaris lumbricoides* e tênias), infestação por piolhos, cáries dentárias, afecções oculares que levavam à cegueira e também defeitos genéticos e metabólicos. Entre esses últimos destacam-se nanismo (mais comumente acondroplasia), pé torto, hidrocefalia, espinha bífida.

REFERÊNCIAS. LEITURA SELECIONADA SUGERIDA

Alves E, Tubino P. *Medicina no Antigo Egito*, 2013.

Ashoush S, Fahmy A. Motherhood and childbirth in pharaonic egypt. ASJOG 2006;3:57-8.

Cesarani F, Martina MC, Ferraris A, Grilletto R, Boano R, Marochetti EF ET al. Whole-Body Three-Dimensional Multidetector CT of 13 Egyptian Human Mummies. AJR Am J Roentgenol. 2003; 180: 597-606.

González Fisher RF, Flores Shaw PL. Papiro de Edwin Smith. An Med (Mex) 2005; 50: 43-8.

Ghalioungui P. Early specialization in ancient Egyptian medicine and its possible relation to an archetypal image of the human organism. Med Hist. 1969;13:383-6.

Halioua B, Ziskind B. Medicine in the days of the pharaohs. Cambridge: The Belknap Press of Harvard University Press; 2005.

Hasan I, Zulkifle M, Ansari AH, Sherwani AMK, Mohd Shakir. History of ancient Egyptian obstetrics & gynecology: A review. J Microbiol Biotech Res. 2011; 1: 35-9.

Lyons AS.; Petrucelli RJ. Medicine: an illustrated history. New York: Harry N. Abrams; 1987.

Magner LN. A history of medicine. 2 ed. Boca Raton: Taylor & Francis; 2005.

Notman DN, Tashjian J, Aufderheide AC, Cass OW, Shane OC 3rd, Berquist TH et al. Modern imaging and endoscopic biopsy techniques in Egyptian mummies. AJR Am J Roentgenol. 1986; 146:93-6.

Nunn JF. Ancient Egyptian Medicine. Norman: University of Oklahoma Press; 2002.

Pinch G. Magic in ancient Egypt. London: British Museum Press; 1994.

Piñero JML. La medicina en la historia. Madrid:La Esfera de los Libros; 2002.

Puigbo JJ. El papiro de Edwin Smith y la civilización egipcia. Gac Méd Caracas 2002;110:378-85.

Sullivan R. A brief journey into medical care and disease in Ancient Egypt. J R Soc Ned. 1995;88:141-5.

Taha HA, Waked IA. Liver disease on the Nile: An association since millennia. Nile River J. 2010;1:1-6.

Thorwald J. Science and secrets of early medicine: Egypt, Mesopotamia, India, China, Mexico, Peru. New York: Harcourt, Brace & World; 1963.